

PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES

Rev. Pemo – Revista do PEMO



Escritos e representações de Jandira Pinto: a reformuladora de Pindobal na Paraíba do século XX

Gabriel Alves do Nascimentoⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Charlton José dos Santos Machadoⁱⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Aline Rodrigues de Almeidaⁱⁱⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

1

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar a educadora e assistente social Jandira Pinto no contexto dos anos de 1950, focalizando os discursos vinculados no jornal O Norte relacionado a sua atuação na Escola Profissional Presidente João Pessoa (Pindobal). Utilizamos a abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, bem como da História da Imprensa, focalizando os escritos e as representações sobre Jandira Pinto nas páginas do O Norte. Os resultados estão imersos na afirmação de que Jandira Pinto é apresentada no jornal O Norte, como a *reformuladora modelo* dos métodos correcionais em Pindobal, suas posições pedagógicas e assistenciais para com os chamados “menores desajustados” da sociedade paraibana são baseadas no humanismo e no sincretismo religioso, desenvolvendo relações de confiança, amorosidade e respeito com os jovens internos de Pindobal.

Palavras-chave: Jandira Pinto; Pindobal; Reformuladora.

Writings and representations of Jandira Pinto: the reformulator of Pindobal in Paraíba in the 20th century

Abstract

This article purposes to present the educator and social assistant Jandira Pinto, in the context of 1950s, focusing on the speeches published on O Norte newspaper, related to her performance at President João Pessoa Professional School (Pindobal). We used the theoretical-methodological approach of New Cultural History, as well as the Press History, focusing the writings and representations about Jandira Pinto on O Norte's pages. The results are immersed in the statement that Jandira Pinto is presented on O Norte newspaper as the reformulator model of correctional methods at Pindobal. Her pedagogical and assistential positions to Paraíba's “misfits minors” are based on humanism and religious syncretism, developing relationships of trust, loving and respect with Pindobal's young internals.

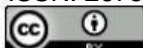
Keywords: Jandira Pinto; Pindobal; Reformulator

Rev. Pemo, Fortaleza, v.3, n.1, e313816, 2021

DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3816>

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>

ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.



1 Introdução

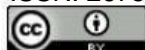
2 Este trabalho tem como objetivo apresentar a intelectual, mulher, educadora e assistente social Jandira Pinto e a sua atuação na Paraíba nos anos de 1950, através das práticas da escrita de e sobre mulheres. Utilizamos como principal campo investigativo as matérias do Jornal O Norte. Este estudo é resultado da pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Federal da Paraíba, durante a vigência 2016/2017, intitulada: “A educação e as educadoras nos jornais paraibanos do século XX: escritos de e sobre mulheres (1951-1956)”.

Nesse cenário, pontuamos que Jandira Pinto é uma das principais articuladoras da assistência social paraibana, pensando a condição do jovem em situação de vulnerabilidade social a partir do humanismo cristão, ao advogar sobre pautas nada convencionais nas páginas do O Norte e defender uma incisiva participação feminina nos círculos sociais.

Desse modo, discorrer sobre uma educadora é dialogar sobre relações de gênero. Acerca disso, destacamos que as mulheres expressavam sua insatisfação diante da família e da sociedade da época lutando por condições de igualdade, inicialmente, nas relações familiares, violando hábitos seculares de submissão, pondo em debate a urgência da participação política nos espaços públicos.

O feminino traz consigo inúmeras reivindicações, dentre elas o direito à educação. Essas mulheres justificam a importância desse direito apropriando-se da condição de ser mãe como forma de intervir através de suas próprias escolhas, rompendo com concepções de incapacidade intelectual e emocional e reafirmando sua habilidade de exercer diversas funções – em casa, no mercado de trabalho e na vida pública.

Em meados de 1950, as mulheres não exigiam mais o direito ao voto, tão arduamente conquistado nos anos de 1930, em suas publicações, seus anseios giram em torno da efetiva participação política nos círculos sociais. Não bastasse apenas exercer seu voto, seria preciso a representatividade de seus interesses.





Algumas pautas são apresentadas por Jandira Pinto e tomam visibilidade a partir de sua atuação profissional. Inicialmente, Jandira é vista como uma mulher que foi capaz de modificar os métodos de uma instituição atravessada pelo simbolismo de ser escola e de ser prisão. Posteriormente, ela apresenta alguns anseios, tomando destaque a participação efetiva das mulheres na Academia Paraibana de Letras, pauta esta que toma visibilidade na imprensa comercial, corroborando para um processo de autocrítica diante da população paraibana.

Em contrapartida, a concepção masculina de sociedade utiliza seus privilégios para questionar o papel da mulher na sociedade e impor a permanência para uma tradição patriarcal historicamente hegemônica, as ideias sobre a mulher em meados dos anos de 1950 estava restrita a uma ideia de um feminino como garantidora de uma sociedade mais justa, genitora das gerações futuras e da organização familiar, passando a ser vista como importante partícipe de uma política do cuidado e do afeto para com os cidadãos.

Dessa maneira, Jandira Pinto é uma mulher que se apresenta com um novo olhar para a classe feminina, essa mulher é um sujeito que desviaria o olhar da sociedade para suas pautas. No campo da imprensa e da política a conjuntura da década de 50 apresenta a necessidade de consolidar um estado moderno e uma sociedade com uma nova roupagem. O período de 1950 é marcado pela redemocratização do país e, por conseguinte, a retomada da vida política partidária, através dos discursos das transformações nacionais e locais, especialmente aqui na paraíba promovido pelo governo de José Américo (BRANDENBURG, et. al., 2019).

Neste cenário, a imprensa assume importante papel na conjuntura paraibana, contribuindo para o debate acerca das proposições de classes distintas, mas que, muitas vezes, assumia uma postura de mantenedora dos valores sociais vigentes, abrindo suas colunas para a difusão do ideal conservador de organização familiar. Por outro lado, a imprensa abre suas páginas para a efetiva participação feminina, surgindo mulheres, a exemplo de Jandira Pinto, com o compromisso de dialogar sobre assuntos espinhosos e necessários.





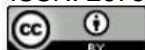
As práticas, as representações e as leituras das mulheres paraibanas, ao assumirem as páginas dos Jornais, trazem consigo suas reivindicações e aspirações ao longo de sua trajetória como mulheres, desta forma, seus escritos estão repletos de intencionalidade. Nessa direção, este estudo toma corpo a partir das publicações nos impressos, notadamente no jornal *O Norte*, partindo da necessidade de dialogar acerca da subjetiva perspicácia de Jandira Pinto ao assumir importante espaço para militar em prol das diversas causas que lhe moviam.

Portanto, a nossa proposta tem o intuito de pontuar, a partir dos impressos, a atuação de uma mulher capaz de transcender a vida familiar e alcançar a vida pública. Jandira Pinto é apresentada no jornal *O Norte* como a “reformuladora modelo” dos métodos educativos da Escola Profissional Presidente João Pessoa (Pindobal), localizada no município de Mamanguape/PB. Portanto, a intenção destes escritos, imersa na educação e em seus agentes de transformação, representada por Jandira Pinto, corrobora para visualizarmos uma história pouco conhecida e repleta de mitos e verdades.

2 Em busca das fontes: o ritual teórico-metodológico

Para o presente artigo, utilizamos a pesquisa de caráter documental sócio-histórica (RODRIGUES; FRANÇA, 2010) de base qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1999), pautada na utilização do jornal *O Norte* – órgão da imprensa comercial paraibana – como principal fonte de pesquisa, compreendendo a História Cultural da Imprensa (BARBOSA, 2007) como importante campo investigativo capaz de pensar os processos, as rupturas e as permanências sociais.

Atualmente, as pesquisas no campo da História da Educação seguem um novo paradigma historiográfico, pautado na multiplicidade das fontes e de seus objetos investigativos, a esse campo chamado de História Cultural (CHARTIER, 1994) acreditamos ser uma âncora importante para a construção científica que estamos discutindo aqui. Para Machado (2006) as pesquisas históricas no contexto atual precisam transcender o conceito de fonte e sua utilização, e, a esse respeito a História Cultural





atende aos requisitos de romper com os paradigmas da historiografia tradicional da análise dos grandes objetos, dos mártires e heróis, da luta de classes, do Estado e das grandes revoluções.

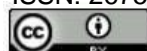
Pela primeira vez temos uma História da imprensa que não se restringe às operações capitalistas dos barões da imprensa, nem às maquinações políticas atribuídas aos governantes que já recorriam às “verbas secretas” para irrigar os “mensalões” tão cobiçados pelos jornais venais (empregados e patrões). (BARBOSA, 2007, p. 10, grifos da autora).

Tal abordagem instiga a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico, como possibilidade para uma análise histórica, de modo a ressignificar a noção de tempo e de fato histórico, apoiando-se em uma história problematizadora, em que a compreensão do presente acontece pelo conhecimento do passado (PESAVENTO, 2003). Ao percorrer o ideário do sujeito individual, na perspectiva da Micro-História (ABÉLÈS, 1998), deparamo-nos com o subjetivo, com o real e com o simbólico, partindo das experiências de sujeitos comuns, circundados por minúcias e representações. Ou seja,

Por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. (CHARTIER, 1990, p. 20).

Dessa maneira, a pesquisa está traçada na busca dos escritos sobre Jandira Pinto, com o intuito de trazer à tona a memória e as representações de uma educadora pouco conhecida. Para a organização sistêmica deste estudo, utilizamos os seguintes procedimentos: identificação, seleção, catalogação, transcrição e análise das fontes. Como também nos seguintes acervos históricos: Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP), a Fundação Casa de José Américo (FCJA) e a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC), para localizar, registrar e transcrever os escritos *de* e *sobre* Jandira Pinto na década de 1950.

Aqui vale reservar um espaço para a discussão sobre gênero, pontuando aspectos do ideário de ser mulher (ALÓS, 2011). Ao tratarmos dos escritos de uma educadora, estamos falando sobre as concepções de gênero e, de certa forma, o que vem





a ser a figura feminina em uma dada época, ao passo que estamos delineando um estudo acerca das concepções de gênero e das atribuições que cada sociedade rotula para o masculino e para o feminino.

Quando falamos em gênero, estamos falando da construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é “ser homem” e “ser mulher”, e o que é “masculino” e “feminino”. (PYNSKY, 2014, p. 11).

Sendo assim, o período abordado é palco para uma investigação acerca do papel social feminino e das opressões vivenciadas pelas mulheres nos dias atuais (LIMA; AZEVEDO, 2019) pois, de acordo com Pynsky (2014, p. 09),

Nos chamados “Anos Dourados” (apelido dado à época que se estende de 1945 a 1964), por exemplo, as distinções de gênero eram bem mais evidentes. Assim, se queremos entender o que ocorre hoje, é importante observar o passado de nossas mães e avós.

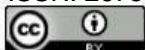
Por sua vez, os atores que alargam o espaço para a participação das mulheres na imprensa, muitas vezes, são os mesmos que tentam controlar a sua voz (SOARES; VIANA, 2016). É importante apontar que o movimento da imprensa brasileira tem suas peculiaridades, pois os periódicos acabam tornando-se um importante campo de veiculação da “verdade”, que assumem posições defendidas por jornalistas que acreditam ser a própria personificação do texto. Segundo Barbosa (2007, p. 158),

O jornalismo é considerado um trabalho intelectual, [...] adjetivam-no como um processo criativo próximo da arte, com fortes aproximações com a literatura. Outros vão mais além e acreditam no papel do jornalista como educador.

De acordo com Bourdieu (1980) in Barbosa (2007, p. 158-159),

As reformas da década de 1950, introduzindo no dizer dos jornalistas – a partir da técnica – a mítica da neutralidade e da objetividade, a rigor, servem para impor uma dada representação aos jornalistas para si mesmos, investindo naquilo que Bourdieu (1980) afirma ser lutas por classificação.

O jornalismo dos anos de 1950 estaria se reestruturando para atender a uma nova demanda capitalista do setor, haveria uma necessidade de se pensar em um novo modelo



estético. Os jornalistas estariam embebecidos pela necessidade de se tornarem o símbolo da neutralidade, visto que os discursos da ciência positivista no mundo, influenciaram diretamente na posição que os impressos passariam a defender (BORGES, 2006).

Assim, o jornalismo vinculava-se a uma nova forma de apresentar a informação, em que os jornalistas passam a ser um grupo social relacionado à educação, por trabalhar com o texto escrito. Ainda, os jornais apresentam-se como uma representação da própria informação, ou seja, as colunas inflam também o ego dos colunistas, que produzem os textos e são vistos como redentores da verdade.

É imersa nesse cenário de profundas tensões que encontramos Jandira Pinto, mulher, educadora e assistente social, presente em publicações que passariam a questionar a própria ordem social imposta. Uma importante publicação que encontramos intitula-se: Uma grande mulher no Serv. Social da Paraíba, destacando que,

O nome de Jandira Pinto já é por si uma afirmativa de glória que tanto envaidece o Serviço Social da Criança na Paraíba. Vinda do Rio de Janeiro à disposição do Ministro José Américo, quando Governador do Estado, preferiu trocar seu cargo do Serviço Social da Capital, para vir assumir a diretoria desta Escola, há muito tempo órfã de uma direção segura e compreensiva que pudesse dar aos seus meninos a magia do amor e do conforto. No dia 11 de junho do corrente ano, Jandira Pinto assumiu a direção de Pindobal, atrate entre a direção de um traste entre a direção de um homem e de uma Mulher. Mas operou-se, com isto, um verdadeiro milagre, pois, o que muitos diretores, apesar de bons, não conseguiram fazer em Pindobal, alguns deles até com longos anos de administração, Jandira Pinto compreensiva, sua robusta cultura e o seu desprendimento em tudo que se diz respeito ao Serviço Social do menor desvalido e transviado. É que Jandira Pinto tem supercompreensão dos problemas mais vitais da infância, ainda mais dos infelizes menores, vítimas inocentes do próprio infortúnio. Sua primeira visão pairou, em cheio, na situação de dezenas de crianças que iriam confiar nela; que, daquele dia em diante, passariam a ser seus filhos adotivos. Iria com eles, mais tarde, arrancar, sem enfado nem servilismo, dos campos e do seio da várzea a copiosa messe que lhes garantisse dias melhores. (RAMALHO, p. 03, 1953).

A publicação acima difunde a figura de Jandira Pinto como uma mulher sensível às causas das crianças “desvalidas”, pontuando o sensível como um sentimento “inato” do ser mulher. É importante problematizar que, mesmo fazendo uma homenagem à figura de Jandira como “Uma grande mulher no serviço social da Paraíba”, ainda assim ela



estaria associada a uma vocação de ser “mãe” dos jovens internos, que passariam a ser seus filhos adotivos.

Este encontro com Jandira Pinto e seus escritos é um encontro marcado por inúmeros sentimentos. Ao nos depararmos com uma fonte tão robusta e complexa, questionamo-nos: Quem de fato era Jandira Pinto? Qual sua prática pedagógica para com os jovens de Pindobal? Suas experiências no serviço social estão vinculadas a alguma entidade religiosa ou alguma concepção cristã? Portanto, essas inquietações tomam forma no próximo capítulo.

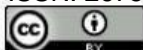
3 Escritos *de e sobre* Jandira Pinto: as representações dos impressos

Jandira Pinto e os menores de Pindobal - Conheço Jandira Pinto há muitos anos; desde o tempo em que ela era estudante de nossa Escola Normal e que o velho Joaquim Pinto, seu pai e meu bondoso amigo, tinha uma pequena oficina de concertos e reformas de chapéus e guarda-chuvas, ao lado do mercado velho de Tambiá, naquelas casinhas que ainda hoje lá estão, esperando o urbanismo daquele local para serem demolidas. (CARVALHO, p. 03, 1953).

A publicação de Odilon de Carvalho apresenta-nos algumas pistas sobre quem seria Jandira Pinto, filha de Joaquim Pinto, cuja profissão seria de concertos e reformas de chapéus e guarda-chuvas, morando próximo ao mercado velho de Tambiá. Odilon de Carvalho prossegue afirmando: “Eu era fiscal da Prefeitura e vez por outra estava na tenda do meu pobre amigo. Pobre de dinheiro, porém rico de honestidade, competência e educação e bastante instrução, a julgar pela sua conversa desenvolvida em qualquer assunto.” (CARVALHO, p. 03, 1953).

A história de vida de Jandira está presente na figura de seu pai, de acordo com Odilon de Carvalho, que afirma a conhecer desde menina. Vale ressaltar que esta publicação só aparece no O Norte após uma série de publicações apresentando Jandira Pinto como sendo a “reformadora modelo” de Pindobal. Odilon de Carvalho prossegue:

Jandira era menina, mocinha, por esse tempo. Depois diplomou-se e não querendo viver do magistério, seguiu a carreira burocrática. Com surpresa então, fui encontrar aquela menina. – agora moça, no Palácio da Redenção, como datilógrafa ou escriturária, no Governo Argemiro de Figueirêdo. Como eu tinha





sempre bôa acolhida naquele Palácio no referido Governo, comecei a ter melhor conhecimento com Jandira, que era toda atenção e bondade para os que necessitassem de seus serviços, pois que, pela sua competência e capacidade de trabalho, merecia grande prestígio. Depois, no Governo Rui Carneiro, em 1943, a ilustre chefe de gabinete do então Secretário do Interior, foi para o Rio de Janeiro, tirar um Curso de Assistente Social. Terminando esse curso ficou trabalhando lá mesmo no Rio. E de lá foi colocando também suas irmãs na burocracia. Em 1950, fui não com surpresa, encontrar a digna funcionária e poetisa paraibana dirigindo um Curso em Engenho de Dentro, subúrbio da Capital Federal. Jandira vivia numa verdadeira azafama de trabalhos tal, que a gente procurava-a no Instituto Social e não a encontrava, apesar dela pernoitar e fazer as refeições ali. Ia-se no Curso e não era possível, quasi, falar-lhe. E foi uma mocinha de Natal, minha conhecida que m'a apontou: ela está ali; porém é impossível atender agora... Eu tinha a certeza que se me fizesse anunciar, seria recebido imediatamente; porém não quis perturbar os minutos de seu precioso expediente. E voltei sem falar-lhe. Agora, passado mais três anos... soube que a eximia filha do meu saudoso amigo havia chegado "às plagas do Sanhauá"... E que ficaria desta vez por aqui Duvidei... E não a encontrei. Não fui visita-la em sua residência: moça muito importante hoje, não iria perder tempo em receber minha humilde visita... Encontrei-a com surpresa e por acaso, na rua, uma tarde, cara-a-cara, na esquina do IPASE, em companhia de outras moças. Ambos nos surpreendemos: ela achando-me velho e acabado; eu, achando-a moça e forte e cada vez mais amável e delicada. (CARVALHO, p. 03, 1953).

Jandira Pinto, diferente da grande maioria das mulheres pobres, conseguiu acesso ao ensino normal e depois ao curso de assistência social, trabalhou com importantes personalidades e esteve presente com personagens da política durante alguns anos. Apesar de ser vista como filha de um artesão que consertava alguns acessórios, ela haveria conseguido trabalhar no Palácio da Redenção no governo de Argemiro de Figueiredo na Paraíba e, em seguida, deslocou-se para o Rio de Janeiro no intuito de fazer o curso de Assistente Social.

Dessa forma, Jandira tornou-se Assistente Social, formada pelo SESC do Rio de Janeiro (SILVEIRA, p. 2, 1953). Ao retornar para a Paraíba, nos anos de 1950, é lotada para dirigir a Escola Profissional Presidente João Pessoa, localizada no município de Mamanguape/PB, atendendo a jovens em situação de vulnerabilidade social.

É importante destacar que, ao falarmos de escritos de e sobre uma educadora, estamos discorrendo sobre a feminização do magistério e sobre a presença da mulher na sala de aula. Louro (2004) destaca que, para entender e escrever a história da educação,



precisamos desvelar as práticas daquelas e daqueles sujeitos que desempenharam as ações essenciais para a construção e consolidação da educação.

Nesse sentido, a concepção de ser educadora relaciona-se ao ser feminino, do cuidado e do afeto, sendo as mulheres as responsáveis pela educação dos grandes líderes ou das futuras gerações, no caso de Jandira Pinto, seria a responsável por “endireitar” os jovens desajustados por meio do amor e da compreensão, como afirmam algumas publicações.

Em publicação à colunista Clélia Silveira, apresenta o seguinte escrito: Uma Vida Melhor para os Meninos de Pindobal:

Em trânsito pela cidade de João Pessoa, aceito uma sugestão do meu velho amigo José Leal para visitar a Escola Profissional “Presidente João Pessoa”, a velha Pindobal de tão triste memória e onde são segregadas as crianças, como bichos indesejáveis que fizessem cócegas na consciência dos senhores da sociedade, pressunhosos em afastá-los dos olhos que tudo percebem e das bocas prontas a gritar por uma melhor sorte para os infelizes de Pindobal. Encontrei a Escola dirigida por uma mulher, assistente social do SESC que, milagrosamente, tem conseguido equilibrar a falta de recursos médicos e educacionais solucionando por magia de amor e à custa de uma vontade férrel os grandes problemas que surgem, diariamente. (SILVEIRA, p. 2, 1953).

Para a colunista Clélia Silveira, Jandira Pinto é a principal responsável por modificar as ausências da “velha pindobal”, equilibrando os recursos médicos e educacionais. Percebemos que, no discurso apresentado tanto por Lindolfo Ramalho, Odilon de Carvalho quanto por Clélia Silveira – colunistas do *O Norte* –, o debate acerca de sentidos creditados ao ser feminino é visível para justificar um possível sucesso na vida de Jandira Pinto.

Em outra publicação, da colunista M. de Lourdes Carvalho, apresenta: *Pindobal que eu vi*,

[...] Sempre ouvi falar de Pindobal como de um lugar onde se recolhia a escória dos meninos, os delinquentes de qualquer espécie que alí ficavam a mercê do tempo e da reeducação que nunca lhes chegava. Não um reformatório na verdadeira expressão da palavra e sim uma casa de correção de onde fugiam dezenas e mais dezenas de menores, segundo informações de funcionário antigos. Como interessada pelo problema do menor, resolvi ir a Pindobal, para ver de perto a obra educativa e social de uma diretora que tem a seu favor uma capacidade de trabalho e uma tenacidade capaz de transportar montanhas [...].



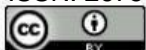
Basta ver o regime de liberdade de que gozam os menores ali internados, que tem à sua disposição o carinho, a solicitude e a vigilância maternal de uma diretora que deixou o seu apartamento no Rio de Janeiro para viver com eles. Os métodos educativos postos em prática, não põem dúvida quanto ao seu ótimo resultado. Respira-se ali um clima de absoluta confiança da diretora para os alunos e vice-versa. Dá gosto vê-los discutindo os problemas de campo, a pintura do prédio, o novo funcionamento das oficinas, a organização do clube recreativo, com uma segurança de adultos, tomando decisões que são respeitadas pelos demais. O sentido social é despertado neles através do espírito de camaradagem para com os novatos que se sentem à vontade logo no primeiro dia de chegada à escola. (CARVALHO, p. 04, 1954).

A visibilidade que Jandira Pinto assume nos Jornais Paraibanos no período pesquisado é surpreendente, inúmeros colunistas elogiam seu trabalho e sua capacidade de articular novas concepções para pensar o jovem em situação de vulnerabilidade social. Jandira pauta-se no diálogo e no trabalho coletivo como estratégia de socialização, respeitando-os e acreditando no potencial destes jovens.

Os resultados obtidos com a postura da Assistente Social são robustos, como afirma Clélia Silveira:

[...] Baixou, sensivelmente, o número das fugas que atingiu até maio do corrente ano, trinta e cinco crianças, por mês, passando em junho para 2 e em julho limitando-se a uma. E nunca os meninos estiveram tão disciplinados, o que vem provar a ineficácia desses corretivos. Soube de casos elamorosos ocorridos em passadas direções, como o espancamento de um menino convalescente de uma apendicectomia e que teve os pontos rebentados, ficando em estado grave. Isto feito por um médico bêbado e irresponsável e que também se arvorava a diretor da Escola, aproveitando-se do cargo para descarregar as suas taras e recalques inconfessáveis [...]. (SILVEIRA, p. 2, 1953).

Inúmeros diretores haviam transitado por Pindobal e os escritos das colunas diárias apontam vários problemas de direção, homens que utilizariam de métodos correcionais com o intuito de “disciplinar” as crianças e os adolescentes. O método de Jandira Pinto, pautado na amorosidade e no diálogo, é fruto de uma concepção cristã que a educadora possui, como afirma em uma entrevista direta à Zenith Cartaxo, apontando sobre uma possível causa de sucesso, “*Cultura e inteligência causa de sucesso?*”. A esta pergunta, respondeu Jandira Pinto:





[...] É preciso por o coração (e o coração formado à luz dos Evangelhos, acentue-se) no trabalho penoso, crucificante, arrebatador, apaixonante, de dar rumos certos e seguros a almas tenras, livrando-as das suas fraquezas, não cedendo jamais às dificuldades que surgem de todos os lados. (CARTAXO, p.1, 1954).

A visibilidade dada a Jandira Pinto através de seu trabalho como Assistente Social e creditada a ela a partir dos escritos *de* e *sobre* mulheres encontrados no *O Norte*, fez com que esta mulher tivesse uma voz diferenciada, tanto para defender as causas das crianças em situação de vulnerabilidade como para defender a causa feminina da inserção na vida pública.

Em uma publicação intitulada: Movimento Literário, “Anunciam da Paraíba que, por iniciativa da sra. Jandira Pinto, foi fundada na capital daquele Estado, uma Academia Feminina de Letras” (MOVIMENTO..., 1955, p. 3). Jandira é uma personagem central para pensar a história da Educação sobre a ótica dos jovens de Pindobal e sobre a demanda de uma criação da “Academia Feminina de Letras”. Ainda sobre a inserção feminina na Academia Paraibana de Letras, é destacado,

Esboça-se, nesta Capital, um movimento no sentido da criação de uma réplica da Academia Paraibana de Letras. Constituída de elementos femininos que representem a mulher intelectual conterrânea, reunindo os valores mais legítimos, quer da geração atual, quer da passada. À frente dêsse movimento locou-se a professora Jandira Pinto, poetisa, cronista e estudiosa dos problemas sociais, aos quais tem dado o melhor da sua inteligência e que, agora, se volta cheia de entusiasmo para a arregimentação da mulher paraibana [...]. (JANDIRA..., 1955, p. 04)

Jandira impulsiona uma luta intelectual de reconhecimento da mulher pautando sua inserção na Academia Paraibana de Letras, suscitando inclusive fundar uma academia feminina, não conseguimos localizar outras publicações que justifiquem a continuidade desta Academia, mas destacamos a forte contribuição de Jandira em pautas femininas que merecem atenção. Portanto, a personagem que propomos desvelar no presente trabalho faz parte de uma história pouco conhecida (DINARTE; CORAZZA, 2016), de uma mulher, educadora e assistente social paraibana que teve ampla cobertura de seus métodos e de seus posicionamentos no Jornal *O Norte*.





4 Considerações finais

O presente estudo, gestado a partir da iniciação científica, tendo por objeto investigativo apresentar a intelectual, mulher, educadora e assistente social Jandira Pinto e sua atuação na Paraíba dos anos de 1950, através das práticas da escrita *de* e *sobre* mulheres catalogadas no Jornal *O Norte*, corrobora intrinsecamente para a consolidação da memória da educação paraibana, em especial, da história de uma personagem pouco conhecida, desvelando as suas práticas à luz dos escritos *de* e *sobre* ela na imprensa paraibana.

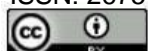
Portanto, a vida pública de Jandira Pinto traz consigo relatos e possibilidades para pensarmos a inserção desta mulher nos círculos sociais. É importante frisarmos que, durante várias décadas, as mulheres ficaram de fora da história tradicional brasileira. Dessa forma, este estudo é capaz de esboçar um novo cenário estético e dimensional da vida pública de Jandira Pinto, evidenciando sua capacidade intelectual, emocional e crítica, partindo da análise de seus escritos como forma inicial de interpretar as inúmeras formas de pensar e de intervir no mundo, entendendo que sua atuação na educação parte de uma necessidade pessoal – de reconhecimento intelectual – e acaba por contribuir na vida coletiva.

Por fim, os dados coletados apresentam Jandira Pinto como a primeira mulher a dirigir Pindobal, apresentando, também, que seus métodos educativos são baseados no humanismo e no sincretismo religioso, desenvolvendo relações de confiança, amorosidade e respeito com os jovens internos de Pindobal.

Referências

ABÉLÈS, M. O Racionalismo posto à prova da análise. In: REVEL, Jacques (Org). **Jogos de escala: a experiência da micro-análise**. Tradução por Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ALÓS, A. P. **Gênero, epistemologia e performatividade: Estratégias pedagógicas de subversão**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.





BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad: X Editora, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Avarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto – Portugal: Porto Editora, 1999. (Coleção ciência da educação)

BORGES, V. P. **O que é história**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDENBURG, C.; PEREIRA, A.; FIALHO, L. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 17 ago. 2019.

CARTAXO, Z. Pindobal Ressurge com Jandira Pinto. **O Norte**, n. 1286, p. 1, 21 fev. 1954.

CARVALHO, M. de L. Pindobal que eu vi. **O Norte**, n. 1282, p. 4, 17 fev. 1954.

CARVALHO, O. de. Jandira Pinto e os menores de Pindobal. **O Norte**, n. 1226, p. 3, 3 dez. 1953.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. A história de hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Publicações ANPOCS, vol. 7 nº 13, mai./jun., 1994.

DINARTE, L. D.; CORAZZA, S. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. **Educação & Formação**, v. 1, n. 2, p. 135-148, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/105>. Acesso em: 17 ago. 2019.

JANDIRA Pinto foi a inspiradora da idéia: a academia paraibana de letras permanece de portas hermeticamente fechadas às mulheres intelectuais – Breve, a instalação. **O Norte**, João Pessoa, n. 1.642, p. 4, 1955.

LEAL, J. **A imprensa na Paraíba**. João Pessoa/PB. Editora A União, 1962. 85 p.

LIMA, A.; AZEVEDO, M. L. Processo de institucionalização da política nacional e estadual de formação docente: Proposições e resistências no Paraná. **Educação & Formação**, v. 4, n. 3, p. 124-147, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1126>. Acesso em: 17 ago. 2019.





LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 243-281.

MACHADO, C. J. dos S. **Mulher e educação**: história, práticas e representações. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

MOVIMENTO Literário. **A Cruz**: Orgão da paróquia São João Baptista, Rio de Janeiro, n. 2.015, p. 3, 23 out. 1955. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=829706&pasta=ano%20195&pesq=Jandira%20Pinto&pagfis=10182>. Acesso em: 12 ago. 2020.

PESAVENTO, S. J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, C. B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMALHO, L. Uma grande mulher no Serv. Social da Paraíba. **O Norte**, n. 1228, p. 3, 5 dez. 1953.

RODRIGUES, D. S; FRANÇA, M. P. S. G. S. A. A pesquisa documental sócio-histórica. In: MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. p. 55-74.

SILVEIRA, C. Uma vida melhor para os meninos de Pindoba. **O Norte**, n. 1150, p. 2, 2 set. 1953.

SOARES, C.; VIANA, T. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, v. 1, n. 1, p. 140-158, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>. Acesso em: 17 ago. 2019.

ⁱ **Gabriel Alves do Nascimento**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0190-9235>

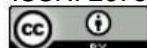
Universidade Federal da Paraíba. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB)

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação UFPB. Graduado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo pela UFPB. Seus textos são publicados nos campos do Ensino, Educação, História da Educação, Imprensa, Gênero, Instituições Escolares e Paradigma Indiciário.

Contribuição de autoria: Levantamento das fontes, sistematização, primeira escrita, revisão e formatação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7002878773845435>

E-mail: gabrielalves.educ@gmail.com



ii **Charliton José dos Santos Machado**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4768-8725>

Universidade Federal da Paraíba. Professor Titular da UFPB e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB)

Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Lotado no Departamento de Metodologia da Educação - DME no Centro de Educação/CE. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) PQ1-D. Membro do Comitê de Assessoramento de Educação - CA-ED/CNPq.

Contribuição de autoria: Sistematização, primeira escrita, tradução do resumo, revisão e formatação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2036729143677618>

E-mail: charliltonlara@yahoo.com.br

iii **Aline Rodrigues de Almeida**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0152-3941>

Universidade Federal da Paraíba. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB)

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB. Graduada do curso de Pedagogia pela UFPB. Seus textos são publicados nos campos: Educação Popular, Educação Enquanto Experiência Comunitária e História da Educação.

Contribuição de autoria: Sistematização, primeira escrita, revisão e formatação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3194753569925442>

E-mail: aline.ralmeidas2@gmail.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Karla Angélica Silva do Nascimento

Como citar este artigo (ABNT):

NASCIMENTO, Gabriel Alves do; MACHADO, Charliton José dos Santos; ALMEIDA, Aline Rodrigues de. Escritos e representações de Jandira Pinto: a reformuladora de Pindobal na Paraíba do século XX. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.1, e313816, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3816>

Recebido em 17 de agosto de 2020.

Aceito em 24 de agosto de 2020.

Publicado em 14 de setembro de 2020.